



PAINEL NARRATIVO SEMANAL:

Percepções qualitativas e estratégicas

Sexta rodada — 22 de junho de 2026

Este relatório integra o projeto de acompanhamento qualitativo permanente da opinião pública brasileira ao longo de 2026, articulando escuta em profundidade, análise política e leitura estratégica do debate público.

Acompanhe as edições no site: <https://institutodx.org/semanaldx/painel>



EXPEDIENTE

Painel Narrativo Semanal: Percepções Qualitativas e Estratégicas

ESTE RELATÓRIO ESTÁ LICENCIADO SOB A LICENÇA CREATIVE COMMONS CC BY-SA 4.0 BR. Essa licença permite que outros remixem, adaptem e criem obras derivadas sobre a obra original, inclusive para fins comerciais, contanto que atribuam crédito aos autores corretamente, e que utilizem a mesma licença. **TEXTO DA LICENÇA:** <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/legalcode>

COMO CITAR ESSE DOCUMENTO:

VASQUES, Beto; SOLANO, Esther. Instituto Democracia em Xequê (DX). Painel Narrativo Semanal: Percepções Qualitativas e Estratégicas DX, 22 jun. 2026. Período de campo: 22 de junho de 2026. Disponível em: <<https://institutodx.org/semanaldx/painel/>>.

EQUIPE DO RELATÓRIO

Beto Vasques

Diretor de Relações Institucionais do Instituto DX

Esther Solano

Professora da UNIFESP, pesquisadora em Ciências Sociais e conselheira do Instituto DX

Projeto gráfico: Moara Juliana e Júlia Cristofi.



ESCOPO

A investigação se concentra em eleitoras e eleitores “pendulares”, ou seja, aqueles que oscilam entre Lula e Flávio Bolsonaro na disputa presidencial de 2026. A análise dialoga com a agenda factual, com o relatório semanal e os boletins especiais do Instituto DX sobre o debate público digital e com a leitura das pesquisas quantitativas de opinião, deslocando o foco do ambiente digital para a recepção qualitativa de temas políticos em um eleitorado chamado a ser decisivo em 2026.

Depois de a quinta rodada investigar menos “o que aconteceu” e mais “o que ficou”, esta sexta rodada observou como os acontecimentos continuavam operando sobre os valores, os medos e a volatilidade do eleitor pendular. O foco específico foi o modo como o episódio envolvendo Jaques Wagner, líder do governo no Senado, no contexto das investigações da Compliance Zero e do escândalo do Banco Master, foi incorporado à avaliação comparativa entre Lula e Flávio Bolsonaro.

PERÍODO:

22 de junho de 2026

GRUPOS:

2 grupos focais em formato de tríades etnográficas

COMPOSIÇÃO:

Grupo 1: homens | Grupo 2: mulheres

PERFIL:

30-50 anos, ensino médio, renda familiar de 3 a 7 salários-mínimos

REGIÃO:

Preferencialmente eleitores das Regiões Metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador (“*swing states*”)

TRAJETÓRIA ELEITORAL:

Votou em Jair Bolsonaro em 2018; votou em Lula em 2022; está indefinido para 2026

CRITÉRIO POLÍTICO:

Não rejeita Lula nem Flávio Bolsonaro

EIXOS TESTADOS:

Dark Horse; documentos; propostas; comparação com a família Bolsonaro; Banco Master; Jaques Wagner; autonomia institucional; corrupção; voto; volatilidade



Painel Narrativo Semanal

Sexta rodada – 22 de junho de 2026

Investigação qualitativa sobre opinião pública, preferências eleitorais e percepção política de eleitores “pendulares”.

Método	Público	Foco
Tríades etnográficas	Eleitores Pendulares	Percepções Eleitorais



Insight Central

A sexta rodada confirma que o eleitor pendular permanece essencialmente indeciso, mas não voltou ao ponto anterior ao caso *Dark Horse*. O desejo de mudança segue vivo, porém perdeu inocência e, por conseguinte, tração: Flávio Bolsonaro continua associado à renovação possível, mas agora carrega um custo moral ligado a sua conduta contraditória, às reiteradas versões sobre o financiamento do filme, à suspeitas de mentiras, à ausência de documentos que expliquem sua relação com Vorcaro e à falta de propostas claras enquanto candidato.

O episódio Jaques Wagner não apaga o dano produzido por *Dark Horse*, mas amplia a percepção de que o Banco Master atravessa o sistema político e reforça o enquadramento “são todos iguais”. Ainda assim, os efeitos são assimétricos: Flávio aparece diretamente no áudio e nas versões contraditórias; Lula é afetado pela proximidade com o senador baiano e pelo risco de acobertamento. No curto prazo, a vantagem relativa de Lula depende de uma exigência concreta em relação à Wagner: deixar investigar, esclarecer e punir, sem proteger aliados. No médio prazo, esse eleitorado se mostra altamente sensível à agenda factual, augurando uma disputa volátil por seu voto até o final.

Sumário executivo visual

Dez leituras estratégicas para decisão política e comunicação

1

A indecisão continua, mas não é neutra

O eleitor pendular segue indeciso. *Dark Horse* sobrepõe programas sociais que não empolgam (Lula) à mudança sem segurança (Flávio).

2

Jaques Wagner não apaga *Dark Horse*

O episódio amplia a sensação de corrupção sistêmica no Banco Master, mas não elimina a assimetria entre um caso diretamente ligado ao candidato e outro ligado a um aliado de Lula.

3

O problema de Flávio é a contradição

O dano mais persistente não é a corrupção, mas as versões sucessivas, a falta de autenticidade e a percepção de mentira constante.

4

“Cadê os documentos?” vira régua moral

A exigência por documentos, caminho do dinheiro e transparência continua sendo o principal teste de contenção de danos para Flávio.

5

Falta de proposta agrava falta de confiança

Participantes dizem esperar propostas de Flávio. O candidato aparece mais ocupado em se explicar do que em apresentar soluções concretas aos problemas do povo.

6

Banco Master pega todo mundo

O caso é percebido como rede ampla, capaz de atravessar partidos, direita, PT, parlamentares e atores pouco conhecidos pelo eleitor.

7

Lula passa a ser testado pelo “não abafarás”

A proximidade de Jaques Wagner com Lula não é fatal por si só; torna-se grave se o presidente parecer proteger, minimizar ou interferir. Nesse caso, indicaria acobertamento e/ou cumplicidade de Lula.

8

Autonomia institucional pode ser ativo

O fato de um aliado próximo estar sendo investigado durante o governo Lula pode reforçar credibilidade institucional, desde que a investigação siga livre.

9

Corrupção se nivela; prova diferencia

“Roubar é roubar” e “todos são iguais” amortizam a corrupção, mas a prova, a explicação e a atitude diante da investigação passam a diferenciar os casos.

10

Inclinação pró-Lula é frágil e contingente

Neste momento, Lula conta com a frágil inclinação dos eleitores pendulares, por u lado, pelas contradições de Flávio e, por outro lado, por seus programas sociais e por não aparecer diretamente envolvido no Master. Porém, qualquer sinal de acobertamento pode reverter essa inclinação.



Mapa de percepções

Como os participantes organizam Lula, Flávio Bolsonaro e zonas de disputa

TEMA	LULA	FLÁVIO BOLSONARO	ZONA DE DISPUTA
DARK HORSE	Beneficia-se apenas de forma relacional, pela comparação com a falta de explicações de Flávio.	Afetado pessoalmente (áudio), agravado pelas versões contraditórias e por não apresentar documentos.	Contradição, mentira percebida e falta de transparência.
JAQUES WAGNER	Afetado pela proximidade política e pessoal com Wagner; precisa provar que não protege aliados.	Tenta usar o caso para igualar corrupção, mas perde força porque o caso não é diretamente Lula.	“São todos iguais” versus autonomia institucional.
CORRUPÇÃO	Aliado envolvido gera suspeita. Pode escapar se evidenciar que deixa PF investigar com autonomia.	Perdeu a vantagem anticorrupção e caiu no “todos são iguais”.	Corrupção como sistema versus responsabilidade direta.
DOCUMENTOS / PROVAS	Precisa mostrar que não sabia de Wagner e que não vai abafar nem interferir nas investigações.	Precisa apresentar documentos do filme, destino do dinheiro e explicação coerente.	Quem prova, quem explica, quem se contradiz.
PROPOSTAS	Tem propostas e políticas reconhecidas, sobretudo sociais e populares.	Visto como sem propostas claras, mais ocupado em justificar crises.	Entregas concretas versus promessa de renovação.
FIRMEZA / AUTENTICIDADE	Visto como mais firme e mais político, ainda que tradicional e envelhecido.	Comparado negativamente ao pai e ao irmão: menos firme, menos autêntico, mais calculista.	Renovação sem firmeza versus continuidade sem emoção mas com entrega.
INSTITUIÇÕES	Pode converter autonomia da PF em ativo, se houver transparência e punição.	É cobrado por esclarecimentos pessoais; não basta dizer que todos fazem igual.	Autonomia, punição e não acobertamento.
FUTURO DO VOTO	Inclinação frágil por proteção social, ausência de envolvimento direto e maior repertório de propostas.	Mantém alguns votos por mudança e esgotamento com PT, mas condicionado a apresentar documentos do <i>Dark Horse</i> e programa de governo.	Proteção sem paixão versus mudança sem confiança.



Frase Síntese

O caso Jaques Wagner não substituiu o caso *Dark Horse*; ampliou a percepção de que o Banco Master alcança todo o sistema político. Mas a simetria da corrupção não produz simetria eleitoral automática. Para Flávio, o problema permanece direto, pessoal e biográfico: áudio, contradições, documentos ausentes e ausência de propostas. Para

Lula, o problema é institucional e relacional: quanto mais próximo Wagner é percebido do presidente, maior a exigência de investigação livre, punição e transparência.

Nesta rodada, o eleitor pendular não absolve Lula nem Flávio; apenas reorganiza a pergunta: quem esclarece, quem se contradiz e quem tenta abafar?



Achados qualitativos

Temas, interpretações e aspas selecionadas.

1

***Dark Horse* deixa de ser apenas caso de corrupção e vira problema de caráter**

O episódio segue muito negativo para Flávio porque foi incorporado como sinal de contradição, dissimulação e mentira. A imagem do candidato passa a ser ressignificada: menos como renovação moral e mais como alguém que tenta parecer diferente, mas não sustenta coerência quando pressionado pelos fatos. O dano, portanto, é atitudinal e biográfico: atinge crenças, valores, caráter e autenticidade.

"Antes o que me aproximava mais dele era o discurso contra a corrupção, mas agora me sinto meio em dúvida depois desses áudios."

PARTICIPANTE A, GRUPO 1

"Ah, as possíveis reformas, a novidade que ele trazia, mas agora se contradiz muito e me parece que não é de hoje. Não sei, ele quis trazer essa inovação, que ele iria mudar com relação ao Lula, mas no discurso era muito lindo e na prática não, né?"

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

"Sinto que muita coisa está mascarada. O Flávio supostamente é bem contrário a corrupção, mas agora essa parte ficou fraca na campanha dele."

PARTICIPANTE A, GRUPO 1

"O pior de tudo é o cinismo, ele mente e se contradiz o tempo todo. E não é de agora. Isso comprova o quanto tem de mentira aí, e parece que é a vida dele."

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

"É uma total contradição o que o candidato prega com o que depois praticou."

PARTICIPANTE An, GRUPO 1

"Na verdade, acho que ele acenou, né? Ele quis disfarçar diante das pessoas."

PARTICIPANTE L, GRUPO 2

"Ah, sim, essa coisa de falar que não teve envolvimento com o Vorcaro, depois falou que conhecia, depois ele visitou. Ele foi meio contraditório nisso."

PARTICIPANTE W, GRUPO 2



Leitura estratégica

A chave interpretativa mais forte contra Flávio é "não mentirás". O eleitor até pode amortizar corrupção no "todos são iguais", mas tem mais dificuldade em aceitar contradição reiterada, promessa de transparência não cumprida e versões sucessivas.

2

A ausência de propostas agrava o dano de confiança

A falta de propostas concretas aparece como segundo eixo de desgaste. Os participantes dizem que gostariam de conhecer o que Flávio pretende fazer em segurança, educação, controle de gastos e melhoria da vida cotidiana. Como o candidato aparece mais associado a justificativas, polêmicas e contradições, a dúvida moral se expande para a dúvida programática: se ele não esclarece o passado recente, por que seria confiável para prometer o futuro?

"Você fica meio que na dúvida. Ele tinha que ter atitude de esclarecer o tema, né? Mas a princípio eu quero focar mais nas propostas dele, estou esperando isso."

PARTICIPANTE W, GRUPO 1

"Isso, eu também não quero me deixar influenciar muito por isso, estou esperando as propostas, tipo segurança pública, por exemplo, educação também, controle de gasto..."

PARTICIPANTE L, GRUPO 2

"Mas não sei se o Flavio foi hipócrita, mas não foi firme, né? Foi fraco nisso aí, deveria ter sido mais sincero."

PARTICIPANTE W, GRUPO 2



Leitura estratégica

A renovação deixa de ser suficiente quando não vem acompanhada de programa. Flávio ainda pode disputar o eleitor pendular, mas precisa sair da posição defensiva e demonstrar proposta, firmeza e capacidade de entrega.

3

"Cadê os documentos?" continua sendo a pergunta central

A exigência de documentos sobre *Dark Horse* segue unânime. Os participantes querem o caminho do dinheiro, a comprovação do uso no filme, a destinação dos valores, conversas, contas, gastos e transparência. A dúvida não é apenas jurídica; é moral e narrativa. Enquanto a explicação não se fecha, a percepção de que há algo escondido permanece aberta.

"Devemos insistir, sim, mas vai saber, pode ser muito bem ser forjado, então tem que ver o caminho do dinheiro."

PARTICIPANTE An, GRUPO 1

"Mas por mais que seja forjado a gente precisa de uma explicação, de transparência."

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

"Concordo plenamente, eles têm que dar essa satisfação, demonstrar as coisas e tem que cobrar isso, para onde foi o dinheiro?"

PARTICIPANTE A, GRUPO 1

"Eu estou esperando que seja tudo apurado em relação a isso, documentos, tal, porque quero saber sobre o envolvido dele no esquema. Tem que mostrar, né? Documentos, não sei, conversas, porque o áudio é comprometedor"

PARTICIPANTE L, GRUPO 2

"Total, eu acho que ele tinha que mostrar, olha, está aqui minha conta, isso eu recebi, isso foi para o filme, comprovar onde foi gasto o dinheiro, os gastos mesmo, atores, câmeras e tal"

PARTICIPANTE W, GRUPO 2



Leitura estratégica

A demanda por prova é hoje o principal gargalo de Flávio. O silêncio documental mantém o caso vivo, impede que o escândalo seja arquivado na memória do eleitor e sustenta a ideia de que o filme pode ser apenas cobertura para algo maior.

4

Flávio é comparado negativamente ao pai e ao irmão: mais sutil, porém menos firme

Na comparação interna da família Bolsonaro, os participantes descrevem Jair como bruto, mas autêntico; Eduardo como mais extremista, porém mais firme; e Flávio como alguém que tenta parecer moderado, sutil e palatável ao centro. Depois do Master, essa moderação passa a ser lida com desconfiança: pode ser menos autenticidade e mais estratégia.

"O Flávio pega a onda que o pai construiu, pega o sobrenome do pai, mas ele tenta ser menos extremo que o pai e o Eduardo, o Eduardo é mais reativo, mais violento e o Flávio tenta ser mais sutil, buscando pessoas mais ao centro, mais moderados. Mas agora depois do Master eu fico em dúvida se isso é autêntico ou é estratégia política, porque tudo é muito contraditório, né? Às vezes me parece um pouco forçado e uma estratégia."

PARTICIPANTE A, GRUPO 1

"O Bolsonaro pai era muito mais firme do que o Flávio, o Flávio, não sei acho que ele é mais fraco, não banca as coisas que ele fala e a gente fica na dúvida se vai fazer algo por nós."

PARTICIPANTE L, GRUPO 2

"Acho que Flávio não tem firmeza no que ele fala, fala uma coisa mas não faz, não vejo firmeza no que ele propõe."

PARTICIPANTE P, GRUPO 2



Leitura estratégica

O sobrenome ajuda Flávio a herdar capital político, mas a comparação com pai e irmão pode se voltar contra ele. O eleitor pendular não quer radicalismo, mas também desconfia de uma moderação percebida como cálculo sem firmeza.

5

Banco Master é percebido como sistema: "pega todo mundo"

A sexta rodada confirma a sedimentação da "balança da corrupção". O Banco Master é visto como uma rede ampla que atravessa partidos e figuras públicas. Participantes citam Jaques Wagner, Nikolas, Ciro Nogueira e outros nomes de forma fragmentada, sem grande domínio factual, mas com uma percepção consolidada: Vorcaro teria colocado diferentes lados do sistema político a seu serviço.

"A minha sensação é que todo o mundo está envolvido, mas acho que eles podem tentar apagar um pouco."

PARTICIPANTE A, GRUPO 1

"Eu vejo que vai sair mais coisa, mas de todo o mundo, acredito também que todo o mundo está envolvido, mas acredito que tenha mais coisa a sair do Flávio porque o áudio, né? Foi ele falando."

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

"E a gente vê o tamanho da rede que o PT não vai aparecer tanto diretamente, mas com certeza está envolvido."

PARTICIPANTE A, GRUPO 1

"Acho que pode ter vários partidos envolvidos, com certeza todos tem algo"

PARTICIPANTE P, GRUPO 2

"Acho que tem, sim, tem até o PT da Bahia, né? O Jaques Wagner...o Vorcaro foi muito esperto, pegando de todos os lados."

PARTICIPANTE W, GRUPO 2

"Eu sei que tem mais gente, mas não consigo me lembrar de quem."

PARTICIPANTE An, GRUPO 1

"Eu já ouvi falar algo do Ciro, Ciro não sei, não é aquele Ciro Gomes, não me recordo do sobrenome dele e não sei qual partido, não sei, eu acredito de direita."

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

"Só me recordo do Jaques Wagner."

PARTICIPANTE W, GRUPO 1

"Eu me recordo do Nikolas falando que pegou o jatinho dele, né? E daí o Wagner."

PARTICIPANTE L, GRUPO 2

"E agora que você fala do Ciro Nogueira também escutei alguma coisa, líder do PL, né?"

PARTICIPANTE W, GRUPO 2

"Eu ouvi de um político do PT, alguém grande, né? Não me lembro do nome, mas, líder da Câmara. Escutei que a política estava investigando vantagens dele, né?"

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

"Eu escutei que ele estava na mira das investigações, o Jaques alguma coisa...envolvimento direto com Vorcaro."

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

"Não me recordo agora, mas teve ligações dele com Vorcaro, né? Algum envolvimento, que ele recebeu algum dinheiro, mas já suja muito que o nome dele foi citado."

PARTICIPANTE W, GRUPO 2

"Não cheguei a me aprofundar, mas cheguei a ver que tinha envolvimento com o Master."

PARTICIPANTE L, GRUPO 2



Leitura estratégica

O caso Jaques Wagner reforça a percepção sistêmica do Master. Isso pode amortizar o dano específico a Lula, porque transforma o episódio em "mais um" dentro do "todos são iguais", mas também aumenta a corrosão geral da confiança política.

6

Jaques Wagner testa Lula pela proximidade, não pelo fato em si

O envolvimento de Jaques Wagner aparece como problema para Lula não porque os participantes dominem os detalhes do caso, mas porque o reconhecem como político importante, petista e próximo do presidente. A intimidade presumida abre uma dúvida: Lula sabia? Se sabia, por que não interrompeu? Se não sabia, como vai reagir agora?

"Eu acho que não faz diferença ser tão próximo de Lula desde que não haja uma abafamento do PT. A partir do momento em que o Lula colaborar com as investigações, tudo bem, mas se Lula tiver algum tipo de posicionamento de tentar diminuir, abafar, só por ser próximo dele, aí sim, ficaria feio."

PARTICIPANTE A, GRUPO 1

"A partir do momento em que haja um favorecimento a ele ou parecer que está sendo acobertado, aí teria problema."

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

"Acho que por essa proximidade deles acho muito difícil que Lula não estivesse a par dessa movimentação, mas a forma de reagir do Lula agora que vai dizer para a gente se ele tinha conhecimento, mas eu acredito que tinha."

PARTICIPANTE An, GRUPO 1

"Concordo, dada a proximidade deles é possível que ele soubesse e o fato de Lula não ter interferido ou interrompido esse laço agrava, por isso tentar acobertar agora as investigações seria muito ruim."

PARTICIPANTE A, GRUPO 1

"Também acredito bem difícil Lula não saber o que aconteceu."

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

"A proximidade dele com Lula é um fator muito importante e vai ter perguntas sobre Lula por isso, caso seja esclarecido ou não isso conta bastante porque acredito que Lula poderia saber alguma coisa por essa intimidade deles, porque devem ter muito contato, é algo que ele vai ter que esclarecer."

PARTICIPANTE L, GRUPO 2

"Talvez o Lula sabe alguma coisa por ser muito próximo dele, vai ter que se explicar, mostrar provas, assim com o Flávio teria que mostrar os documentos, teria que esclarecer tudo, né?"

PARTICIPANTE P, GRUPO 2



Leitura estratégica

O risco para Lula não é automático; é condicional. Ele depende da reação presidencial. Transparência preserva a vantagem; acobertamento a destrói.

7

A assimetria dos casos: Jaques não é Lula; Flávio é o próprio candidato

Ao comparar *Dark Horse* e Jaques Wagner, os participantes demonstram frustração com ambos os lados, mas produzem uma distinção relevante. No caso Flávio, o candidato aparece diretamente envolvido, com áudio, proximidade com Vorcaro e contradições posteriores. No caso Lula, o problema passa pela relação com Wagner, mas não pela presença direta do presidente no episódio. Ao mesmo tempo, o fato de Wagner ser investigado no governo Lula pode funcionar como sinal de autonomia institucional.

“É difícil medir para mais ou para menos os dois, né? Porque roubar tem a mesma gravidade, né? Por isso que eu estou tão decepcionada. Não tem menos pior...mas não sei, apesar de estar envolvidos ainda prefiro a direita porque o PT é muito imediatista.”

PARTICIPANTE An, GRUPO 1

“Acho que a situação do Flávio é mais complicada porque se trata especificamente dele, né? O Jaques Wagner não é o Lula, né?”

PARTICIPANTE L, GRUPO 2

“Levando em consideração que o Flávio foi uma coisa muito, não sei tentou mascarar, acho que foi um pouco pior, o Jaques foi pessoal, comprou apartamento, uso pessoal e acabou.”

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

“O que acho importante do Jaques Wagner é que por muito que ele seja muito próximo do presidente ele está sendo investigado então isso me traz um pouco mais de credibilidade.”

PARTICIPANTE A, GRUPO 1

“Penso que o do Flávio ele vai ter que se explicar mais porque ele recebeu o dinheiro e ele parecia muito próximo ao Vercaro e no caso de Lula pode acontecer dele não saber por mais que sejam próximos, mas os dois lados têm que provar, né? Tipo Lula, tem que provar, “é meu irmão, mas eu não sabia.”

PARTICIPANTE W, GRUPO 2



Leitura estratégica

A assimetria é a principal razão pela qual Jaques Wagner, nesta rodada, não devolve automaticamente o pêndulo a Flávio. O caso tende a reduzir a folga de Lula, mas não apaga o caráter direto e biográfico do dano sofrido por Flávio.

“Roubar é roubar”: o valor importa menos que a troca de favores

Quando provocados sobre valores, propina, financiamento de filme e uso pessoal, os participantes tendem a igualar moralmente os casos. A questão central deixa de ser o montante e passa a ser a troca: o que esses políticos ofereceram a Vorcaro em contrapartida? A suspeita de dano ao Estado, favorecimento, acesso a governo e prejuízo ao povo pesa mais do que a diferença formal entre os casos.

“Menos a questão do valor e mais a questão da troca, o que eles fizeram pelo Vorcaro em troca disso? Facilitar empréstimos do governo, facilitar entrada no governo? Coisas que tenham prejuízo para o Estado, para o povo.”

PARTICIPANTE A, GRUPO 1

“Sinceramente não faz diferença porque foi errado de qualquer forma, independentemente do motivo do valor foi errado, mas quais benefícios eles pensavam ter, a troca de favores, isso é o mais importante.”

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

“Não faz diferença porque caso seja provado corrupção é corrupção, valores é indiferente, o que interessa é a índole. Roubar é roubar.”

PARTICIPANTE L, GRUPO 2

“É corrupto dos dois lados, a diferença de valor não me importa, teve corrupção, teve corrupção.”

PARTICIPANTE P, GRUPO 2

“Eu acho que a questão do filme é para acobertar alguma coisa pior, né? Eu não duvido de mais nada. Algo muito mais sério pode ser, né?”

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

“Nesse momento é um atacando o outro, né? Mas realmente o que ele fez com o dinheiro do filme? Ele pode dar a desculpa que for, mas se não comprovar que foi para o filme, vai saber se foi para o irmão para a cada dele lá nos Estados Unidos.”

PARTICIPANTE W, GRUPO 2

"Caso ele prove que esse dinheiro foi usado para o filme, mas...não sei, o que me pega é que a gente sabe tudo do Vorcaro, ou seja, o dinheiro já se sabia que era sujo, sinceramente, essa quantidade de dinheiro, não sei...é de blockbuster, né?"

PARTICIPANTE L, GRUPO 2



Leitura estratégica

A corrupção se nivela como condenação moral, mas o *Dark Horse* segue mais opaco. O filme é percebido como uma história grande demais, cara demais e confusa demais para convencer sem documentação.

9

Lula precisa transformar autonomia institucional em atitude exemplar

A exigência dirigida a Lula é clara: investigar, afastar, punir e não proteger. A proximidade com Wagner aumenta a responsabilidade presidencial. Os participantes não pedem apenas defesa retórica da investigação; esperam sinais práticos de que não haverá favorecimento, abafamento ou blindagem por amizade ou conveniência eleitoral.

"Primeiro a gente precisa de provas, então exigir uma explicação, ele se posicionar de fato com a investigação e não defender, por mais que conheça, tenha afinidade, precisa falar sobre isso e até mesmo mostrar que não está envolvido. O principal é se explicar. E se for comprovado que está envolvido, com certeza punição, afastar, tirar ele, penalizar de alguma forma, né?"

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

"E não acho que ele tem que se afastar só para limpar a barra do PT, tem que ser para investigar mesmo, né? Não tem que ser se retirar para limpar a imagem do PT ou não prejudicar na campanha e claramente se há provas deveria ter algum tipo de sanção com certeza, afastado, punido, deveria ser algo rígido, né? Sem vantagens por ser próximo do presidente e aí o Lula deveria ser firme, com certeza."

PARTICIPANTE A, GRUPO 1

"Lula deve tratar o caso com todas as medidas necessárias para passar certeza, Lula deveria agir rígido e se posicionar independente da proximidade."

PARTICIPANTE An, GRUPO 1

“Deveria de alguma forma esclarecer que ele não teve nada a ver e espero que de maneira sincera, que ele não tinha conhecimento. Ele tem que bancar a investigação, sim, e pedir para que haja continuidade na investigação, né? E se for comprovado num primeiro momento deveria afastar ele de alguma forma, né?”

PARTICIPANTE L, GRUPO 2

“Tem que manter a investigação, focar nisso e afastar, né? Se tiver algum envolvimento, mas tem que esclarecer. Se o Lula quiser abafar o caso pareceria que está envolvido, que sabia do que acontecia.”

PARTICIPANTE P, GRUPO 2

“Se tentasse abafar o caso seria uma pá de areia na campanha dele, então que se investigue, vai até o final a Polícia Federal de forma isenta, e se for para ser preso, preso, afastado, exonerado, que seja cumprida toda a lei, não porque seja amigo dele que tem como abafar.”

PARTICIPANTE W, GRUPO 2



Leitura estratégica

A autonomia da Polícia Federal e das instituições pode ser ativo para o governo. Mas esse ativo é reversível: se o eleitor perceber interferência, proteção ou demora em agir, o caso pode se transformar em uma “pá de areia” sobre a credibilidade de Lula.

10

Voto pendular: Lula à frente por comparação, não por entusiasmo

Na inclinação final de voto, os participantes seguem desconfortáveis com ambos os candidatos e expressam forte indecisão. Ainda assim, aparece uma inclinação frágil e contingente em direção a Lula. Ela se apoia em três elementos: políticas sociais reconhecidas, ausência de envolvimento direto do presidente no caso Wagner e percepção de que Flávio se contradisse pessoalmente no *Dark Horse*. A fórmula espontânea é dura, mas reveladora: todos parecem corruptos, mas Lula ao menos faz algo pelo povo.

“Que difícil, eu estou esperando uma luz. Eu não tô certa, ainda acho que o menos pior seria o Flávio porque o PT já está no final, né?”

PARTICIPANTE An, GRUPO 1

"Eu estou bem na dúvida, que difícil. Mas se fosse agora eu votaria no Lula pensando numa questão social e pensando na minha realidade. Eu sou de família pobre, minha mãe precisou muito do Bolsa Família e o Lula ajuda muitas famílias"

PARTICIPANTE F, GRUPO 1

"Eu acho que talvez votaria no Lula muito por conta do histórico dele e justo por isso transfiro a Flávio as questões do governo do pai... e também tem a coisa dos incentivos de Lula a educação, e questão social, pode ser até que seja populista, não confio muito nele, existe até chance dele estar envolvido nessa coisa do Wagner, mas ele faz pela população, né? Ele também tem uma visibilidade grande no exterior e acaba conseguindo fazer mais pelo social?"

PARTICIPANTE A, GRUPO 1

"Eu espero os esclarecimentos dos lados dos dois, do Flávio sobre o filme e do Lula do caso do Jaques Wagner, mas eu acho que pode ser que votasse no Lula porque o nome dele não está diretamente envolvido, o Flávio pediu o dinheiro ele, não foi o Lula pedindo, não tem áudio de Lula, entendeu?"

PARTICIPANTE W, GRUPO 2

"O fato de não ser o caso especificamente com o Lula pesa, mas os dois tem muito que esclarecer né? Mas pelo fato de ter acontecido diretamente com a pessoa do Flávio e ele ter negado, se contradizendo, acredito que eu iria no Lula. E tem o tema do Flavio não ter falado nada sobre propostas, né?"

PARTICIPANTE L, GRUPO 2

"Pelas propostas mais populares eu ficaria com Lula porque com o Flavio a gente não sabe de nada do que ele faria"

PARTICIPANTE P, GRUPO 2



Leitura estratégica

Lula ganha neste momento por proteção social e por comparação. Flávio permanece no jogo pelo desejo de mudança, mas precisa entregar três coisas: documentos, propostas e firmeza. Sem isso, a mudança continua desejada, porém insegura.



Triangulação metodológica

Qualitativo, debate digital e pesquisas quantitativas

Esta rodada reforça a leitura do **Painel Narrativo Semanal DX** como produto de inteligência em três camadas: a escuta qualitativa das tríades etnográficas; o acompanhamento do debate público digital nos relatórios semanais e boletins especiais do Instituto DX; e a leitura quantitativa das pesquisas de opinião, em diálogo com as análises do LABOP/FESPSP.

CAMADA	O QUE MOSTRA	LEITURA PARA A QUARTA RODADA
QUALITATIVA	Observa medos, ambivalências, valores, linguagem espontânea e deslocamentos de percepção.	A sexta rodada mostra que Jaques Wagner amplia o “todos são iguais”, mas <i>Dark Horse</i> segue mais danoso para Flávio por contradição, falta de documentos e ausência de propostas.
DIGITAL	Acompanha enquadramentos, circulação de temas e disputa pública da agenda factual.	Banco Master/Compliance Zero passa a operar como narrativa sistêmica: não substitui <i>Dark Horse</i> , mas acumula corrupção, prova e autonomia institucional.
QUANTITATIVA	Permite avaliar tendências agregadas de voto, rejeição, aprovação e segmentos decisivos.	A leitura qualitativa do Painel ajuda a explicar a volatilidade do eleitor independente identificada na Quaest de junho, assim como a queda de Flávio nas intenções de voto tanto na Quaest como na Datafolha: dinâmica relacional explica porque independentes deixaram Flávio (e seu desejo de mudança) por Lula (se resignar com programas sociais). Mas a manutenção de sua vantagem depende da agenda factual e da resposta ao caso Wagner.



Integração analítica

A **sexta rodada** sugere que a **campanha entra em uma fase de prova moral e institucional**.

Dark Horse reorganizou a imagem de Flávio como candidato contraditório, pouco transparente e sem proposta clara.

Jaques Wagner reorganiza a cobrança sobre Lula: não basta dizer que as instituições são autônomas; é preciso agir de modo compatível com essa autonomia.

A disputa deixa de ser apenas sobre **quem está envolvido no Banco Master** e passa a ser sobre quem esclarece, quem pune, quem apresenta documentos e quem tenta transformar crise em credibilidade.



Fique de olho

Pontos de atenção para as próximas semanas.

DESAFIOS PARA O GOVERNO

👉 **Não abafar**: a reação de Lula ao caso Jaques Wagner é o ponto crítico. Qualquer sinal de proteção, minimização ou demora pode ser lido como cumplicidade.

👉 **Transformar autonomia institucional em prova**: a investigação de um aliado próximo pode reforçar credibilidade, desde que haja liberdade plena para apuração, afastamento e punição.

👉 **Explicar sem parecer defensivo**: Lula precisa esclarecer a distância entre sua figura e o caso Wagner sem transformar a resposta em blindagem política.

👉 **Preservar a agenda social**: a inclinação pró-Lula é sustentada por políticas reconhecidas como concretas. O governo precisa seguir conectando programas a vida real, famílias pobres e trabalhadores.

👉 **Evitar que “todos são iguais” vire “PT rouba mais”**: a narrativa sistêmica do Banco Master pode amortizar o dano, mas também pode reativar velhos enquadramentos antipetistas se o governo errar a resposta.

👉 **Mais Palácio e menos palanque**: Lula avança quando parece mais presidente que presidenciável, reforçando perfil de estadista, não se expondo a gafes e bravatas.

DESAFIOS PARA O OPOSIÇÃO

- 👉 **Apresentar documentos:** a pergunta “cadê os documentos?” segue sem resposta e mantém *Dark Horse* vivo na memória do eleitor pendular.
- 👉 **Sair da posição de explicação permanente:** Flávio aparece como candidato que gasta mais tempo justificando contradições do que apresentando soluções.
- 👉 **Construir programa popular:** o eleitor espera propostas para segurança, educação, controle de gastos e vida cotidiana; mudança sem proposta vira risco.
- 👉 **Recuperar firmeza e autenticidade:** a comparação com Jair e Eduardo prejudica Flávio quando ele é percebido como menos firme, menos autêntico e mais calculista.
- 👉 **Não depender apenas do “são todos iguais”:** o caso Wagner pode ajudar a nivelar a corrupção, mas não elimina o dano biográfico específico de Flávio.



Nota metodológica

Tríades etnográficas e *deep stories*

Esta rodada foi realizada por meio de dois grupos focais qualitativos no formato de tríades etnográficas. O desenho amostral buscou observar eleitores e eleitoras em situação de indefinição eleitoral, definidos aqui como “pendulares”, com trajetória de voto cruzada entre os campos políticos ao longo dos últimos oito anos.

As tríades etnográficas são conversas qualitativas em pequenos grupos, conduzidas por moderação especializada. Diferenciam-se de grupos focais tradicionais maiores porque favorecem maior intimidade, maior tempo de fala por participante e maior possibilidade de observar narrativas pessoais, hesitações, contradições e deslocamentos de opinião.

A análise também se apoia na perspectiva de *deep stories*, isto é, na reconstrução das narrativas profundas pelas quais os participantes organizam sua experiência política. Uma *deep story* não é apenas uma opinião sobre candidato ou tema; é uma história moral sobre justiça, merecimento, traição, esforço, família, honestidade, trabalho, segurança, medo e esperança.

📌 **O que o método permite observar:** sentimentos, percepções, raciocínios, afetos, justificativas morais, ambivalências, linguagem espontânea, mudanças sutis de posição e conexões entre escândalos, políticas públicas, segurança, corrupção e confiança institucional.

📌 **O que o método não permite afirmar:** representatividade estatística nem estimar proporções populacionais. As falas citadas expressam percepções situadas dos participantes e não verificação factual dos eventos mencionados.



Síntese estratégica final

A sexta rodada mostra que o eleitor pendular segue em estado de forte desconforto político.

O caso Jaques Wagner não produziu, nesta escuta, uma absolvição de Flávio nem uma conversão segura contra Lula. Produziu algo mais complexo: a ampliação da percepção de que o Banco Master atravessa o sistema político e de que a corrupção, em si, já não diferencia suficientemente os campos.

Nesse ambiente, o diferencial passa a ser outro: quem mente, quem prova, quem apresenta documentos, quem se contradiz, quem se explica, quem investiga e quem tenta abafar. Flávio continua mais prejudicado porque o caso *Dark Horse* é percebido como direto, pessoal e cheio de versões. O áudio, a proximidade com Vitorino e a ausência de documentos mantêm o episódio vivo e transformam a renovação em uma mudança moralmente insegura.

Lula, por sua vez, passa a ser testado pela conduta institucional diante de Jaques Wagner. O problema não é apenas ter um aliado próximo mencionado no caso Master; é como o presidente reage. Se permitir investigação ampla, afastamento, punição e esclarecimento, pode preservar a imagem de autonomia institucional. Se parecer proteger um íntimo aliado, o episódio pode corroer justamente a vantagem relativa que vinha reconstruindo junto ao eleitor pendular.

A inclinação final observada é frágil e contingente. Lula aparece um pouco à frente por comparação: tem programas sociais reconhecidos, não aparece diretamente no áudio, tem repertório de propostas e é percebido como alguém que “faz algo pelo povo”. Flávio permanece no jogo porque ainda representa mudança e porque há cansaço com o PT, mas precisa resolver a tríade que hoje o enfraquece: documentos, propostas e firmeza.

Mas, uma vez mais, tudo pode voltar a mudar rapidamente, ao sabor da agenda factual, decisiva na variação do humor, percepção e inclinação do voto entre os eleitores pendulares.

Flávio vai apresentar os **documentos do *Dark Horse***?

Lula vai deixar **investigar Jaques Wagner** até o fim?

O **Banco Master** prova que **todos são iguais** ou que há **responsabilidades diferentes**?

Quem está **diretamente envolvido** e quem apenas tem **aliados envolvidos**?

Quem se **contradiz** e quem **esclarece**?

Quem tem **propostas concretas para a vida cotidiana**?

A mudança com **Flávio é renovação ou risco?**

A continuidade com **Lula é proteção ou acomodação?**

Alguém conseguirá **oferecer futuro** sem exigir que o eleitor escolha apenas o **menos pior**?



Conclusão

No universo desta rodada, o eleitor pendular continua cansado, desconfiado e volátil. O caso Jaques Wagner reforça o “todos são iguais”, mas não apaga a assimetria entre os escândalos.

Para Flávio, o desafio é provar que sua mudança não é uma promessa vazia de alguém cheio de contradições.

Para Lula, o desafio é provar que sua proteção social convive com autonomia institucional real.

A disputa permanece aberta, sensível à agenda factual e cada vez mais organizada pela credibilidade moral: não apenas quem errou, mas quem esclarece, quem pune e quem não tenta fazer o eleitor de bobo.